

# UM PORTUGUÊS TRANQUILO

PARECE UM JOGADOR SEMPRE A PREPARAR NOVA CARTADA. MAS, AO CONTRÁRIO DOS PROFISSIONAIS, RARAMENTE PERDE. À SEMELHANÇA DE CAVACO SILVA, NASCEU NA PROVÍNCIA E TRIUNFOU DO NADA. MAS, AO CONTRÁRIO DO EX-LÍDER, PISOU VÁRIOS ATALHOS PARA POUPAR CAMINHO. EM TEMPOS, O EXÉRCITO FECHOU-LHE A PORTA, HOJE É O PSD A MOSTRAR-LHE O CARTÃO VERMELHO

Texto de FELÍCIA CABRITA e PAULA BARREIROS

**O** ANO em que Valentim chega a Lisboa é de grande rebuliço. Em 1958, a oposição anda numa fona com a candidatura de Delgado, e muitos acreditam que é desta que o regime se estatela. O rapaz, recém-chegado da província, cai atordoado na cidade escaldante. Entra nesse ano na Escola do Exército, mas não vai ter um começo auspicioso. Ainda não consegue disfarçar os modos de campônio, e os colegas, sempre que ele faz chinar as consoantes à moda de Viseu, mofam do seu sotaque peculiar. É de uma alegria ruidosa e rapidamente fica conhecido no meio castrense pela alcunha de «Roxinha», mercê de alguma Rosa de quem andaria embeaçado, apesar de já estar noivo. Mas a coberto do seu ar de franqueza e bonomia, era um finório. A maior parte dos colegas de curso, filhos de militares, vinha com a tarimba dos Pupilos do Exército e adapta-se sem grandes ondas às praxadelas habituais da tropa.

«Roxinha», ao contrário do que seria suposto, não anda aos caídos, e em dois tempos faz o ninho atrás da orelha aos rapazes dos Pupilos. Enquanto estes dormem numa camarata, o beirão partilha o quarto com mais três candidatos sem parentesco militar. Um deles era António Arduíno dos Santos, filho de um agricultor de Alcobça dono de uma modesta indústria de panificação. Da infância, o rapaz mantinha os hábitos da economia e não lhe foi custoso perceber que lhe estavam a meter a mão no bolso. Era o primeiro ano em que a Escola do Exército pagava um vencimento aos alunos, e dos 300 escudos de mensalidade que o jovem de Alcobça ganhava quase tudo se esfumava. Os candidatos tinham umas senhas com os seus nomes no cabeçalho para se abastecerem de géneros e ninharias para as suas necessidades na cantina da escola. Logo no primeiro mês, ao ver-lhe descontado no ordenado um pecúlio que não corresponde às suas extravagâncias, desconfia.

Arduíno fica à coca e começa a

poupar mais ainda que o habitual. Desce o elevador da Glória a pé para amealhar dois tostões, que já davam para uma bica. Mas no mês seguinte confirma as suas dúvidas, quase não tem direito a fêria. O rapaz mira e remira a assinatura das senhas, a falsificação é de tamanha perfeição que chegou a duvidar do seu juízo: «A assinatura era tão perfeita que coloquei a hipótese de aquilo ser meu.» Num instante espalha entre os camaradas as suas desconfianças, e corre à boca pequena que existe um falsário entre eles.

Valentim, esse, anda nas lonas, pouco se importando com a existência de um impostor. O Natal está a chegar, e o rapaz anda doído com a perspectiva das férias e o regresso aos abraços de Joaquina, a namorada que conhecera no Instituto Comercial do Porto. Antes de partir, e como era amante de borgas e pagodes e tinha a tentação a rondá-lo a cada esquina, faz uma festa no quarto. Compra umas mercearias na cantina, corre chouriço e cervejola até às tantas da matina. Arduíno, ►









**O casal Joaquim Loureiro e Laurinda, sem a prole. E com familiares e trabalhadores, em Calde, quando o negócio já prosperava. A porta da venda, com Valentim a olhá-lo de esquelha, Joaquim regressa de mais uma caçada**



► que suciava com ele, estava longe ainda de imaginar que a festança era paga com o seu pré.

Só depois da época festiva e do regresso às aulas se descobre quem anda a pregar o calote. Arduíno tinha deixado de vez de fazer compras na cantina, e ao verificar que o seu vencimento continuava a ter paradeiro incerto, afina a suspeita. Apanham o vígaro com a boca na botija, e nessa noite Arduíno pega-se de ditos e razões com Valentim. Alberto Dinis, outro colega de quarto, mete-se entre os dois para desobrigá-los da briga certa. **«Foi uma discussão muito acesa, quase chegaram a vias de facto. Aquilo foi uma grande bomba na altura.»**

Os candidatos de Administração Militar reúnem-se e ponderam a expulsão do prevaricador. Nessa altura, Joaquina, que mantém o contacto com Valentim por via epistolar, recebe notícias do namorado. Lastimava-se o beirão da disciplina militar e da rudeza da praxe: **«Escreveu-me a dizer que não suportava aquilo, que se vinha embora.»**

As razões eram certamente outras, e o rapaz, quando se inteira do enxovalho que está prestes a acontecer-lhe, faz uma reflexão rápida como um relâmpago. Um dia entra na Estudantina, café frequentado pela maralha, e chama à parte Arduíno, que estranha logo a largueza do outro: **«Sabia que eu não fumava e ofereceu-me um cigarro, depois disse que queria ter uma conversa comigo, mas na rua.»**

Sáiram, e Valentim, muito enteiriçado, sem lágrimas a perlar-lhe o olho, confessa-se de afogadilho: **«Fui eu que falsifiquei as senhas, mas se vocês me expulsam, mato-me.»** Tinha sido o seu primeiro tombo nestes caminhos de Cristo, e os colegas, com a moleza que a juventude oferece ao coração, penetram a fundo na casuística e resolvem dar-lhe outra oportunidade. Mas este começo agoirava desgraça, talvez «Roxinha» tivesse outra vocação que não a tropa, e no fundo estas coisas trazem-se no sangue desde que se nasce.

## COTÃO E TRABALHO

**A** FAMÍLIA de Valentim vinha do nada. Mas Joaquim Loureiro, o pai, foi homem que nunca virou a cara ao trabalho. Filho ilegítimo de José Barbeiro, o «Francês», pois terá nascido de um acerto entre uma jornaleira e um soldado de Napoleão



que por aqui andou, com tantos outros, a pilharem-nos os haveres, começou cedo a esgadanhar a vida. A mãe, Maria Adelaide, fora servir para Ribafeita, onde embarrigara do patrão e foi posta a andar. Fez-se costureira, e já com uma filha amigou-se com o «Francês», com quem viria a casar, assentando em Paraduça, aldeia do concelho de Viseu.

Era mulher de fibra, gostava de um copito de cachaça logo pela manhã, e quando lhe perguntavam para onde ia respondia altaneira: «**Vou para o mundo!**»

O filho, Joaquim, aos sete anos, já andava com o gado pelos montes e aprendera a escapulir-se dos lobos. Cresce a trabalhar na lavoura, vive do que a terra dá, mas quando, nas horas de calor, os outros batem a sesta, põe pé ao mundo para comprar gado. Tornou-se rapaz bem-parecido e tinha mulheres em barda.

Quando saíram as sortes e se apresentou em artilharia em Viseu, o moço já tem um ilegítimo de Glória, uma camponesa com quem, muito mais tarde, moído da consciência, contrairia segundo matrimónio. Esta, quando se sabe enganada, tinham-lhe ditado ao bicho-do-ouvido que Joaquim estava de boda marcada com outra, tenta ganhar para si o partido da mãe do soldado. Mas Maria Adelaide, que já tinha as suas coisas a caminhar para diante e esquecera os seus trabalhos, prefere a moça de Viseu, que tinha mais de seu. Glória, sem amparo, respondeu-lhe: «**Eu não tenho nada, mas ainda sei fazer caçoula de arroz.**»

Em Viseu, Joaquim, numa casa de pasto, metera paleio com Laurinda, que servia às mesas e cozinava. Era sobrinha do dono e também ela não desdenhava o trabalho. Já os papéis para o casório corriam quando descobre que o moço tem um filho. O pai, guarda-livros numa serração, amofinado, nem comparece na igreja.

Casado, Joaquim volta a Paraduça, onde já tem uma junta de bois, mas como ali não se defendia e na febre de subir na vida, muda-se para Calde, aldeia das redondezas, onde monta venda. Diz-se que chegaram com o cotão nos bolsos, mas rapidamente investem a sorte. Era o único comércio das proximidades, e Joaquim ditava as regras e dispunha nos preços.

Laurinda dedica-se ao amanho da terra e avia os quartilhos aos camponês todos tocados na figadeira. Às vezes aparecem viajantes, ourives com a mala na bicicleta, e fritam-se umas sardinhas. Durante a Guerra Civil de Espanha vinham ►



Redacção e colagem

Eu hoje desenhei um automóvel. Este que eu desenhei é preto. Os automóveis são feitos na América. Os automóveis são tocados por um motor. Os automóveis são dirigidos por um homem que se chama motorista. Este tem muito cuidado porque se o deixa ir contra uma parede, é-lhe apreendida a carta, isto é, não o deixam mais dirigir o carro e ainda paga uma multa. Os <sup>automóveis</sup> custam muito dinheiro. O meu Professor também tem um automóvel. Eu gostava de ser motorista e mata alguém. Problema. Tenho um tonel que leva 4800 de vinho e outro que tem só 1/4 da capacidade daquele. Quantos litros levam esses dois tonéis?

ANTOMÓVEL

4800 x 1,25 = 6000

4800	
125	
240	
96	
48	
6000	

**Na Escola Primária já dava provas de inteligência, e o professor, Armando Marques, teve mesmo de lhe comprar um caderno especial de exercícios. A vaidade também já espreitava, e mostra à posteridade o seu primeiro relógio**







Sabinar

**Em 1953, com 15 anos, brilhava na Escola Comercial de Viseu. Um ano depois, no Porto, cheio de brio, traja capa e batina. Já mostrava talento para as grandes maratonas e era amante de borgas e pagodes e marcava presença nos jantares comemorativos da Escola Comercial: é o quinto a contar da direita, na 3ª fila**



► os espanhóis a cavalo vender bombazina, e Joaquim albergava-os a troco de um par de vinténs. Como a noite era passadeira e havia muita falta, chegou-lhes a alugar a própria cama e estendiam as mantas num canto qualquer.

Em 1938, ainda o futebol estava a léguas de ser um soco nas receitas do Estado, o povo vivia acaçapado pelos tributos. Na Assembleia Nacional, alguns deputados que não faziam ouvidos moucos às reclamações dos contribuintes bradaram contra o peso excessivo dos impostos.

Maria Adelaide anda grávida do terceiro filho, mas não descuida a lide. De manhãzinha parte com a trouxa às costas para lavar a roupa nas poças junto das nascentes. Algumas eram muito jeitosas. Durante a tarde, enquanto a roupa cora, dá um dedo de conversa com as outras mulheres e regressa quando se deita a noite. Ainda carregava molhos de lenha e apanhava feijões e batatas, que era época. Estava o Natal a chegar, fazia um frio respeitável quando, a 24 de Dezembro de 1938, nasce Valentim Loureiro. Deus o benzesse e guardasse que nascia perfeito.

Desde pequeno que revela um génio bravo, e logo na primária deixa claro que vai longe de inteligência. Na aldeia, o professor Armando Marques e o padre eram os manda-chuvas. As crianças partem ao amanhecer com o gado para os montes e o estudo é considerado uma perda de tempo. O povo ainda não andava ao compasso do relógio. As aulas começavam às 9 horas, mas o professor, meia hora antes, dava três badaladas no sino da capela para avisar as gentes que lhe mandassem as crias para educar. Valentim anda de tamancos e só leva o gado a pastar nas férias.

Nascia o dia e ele arrancava com Aníbal, irmão mais velho, faziam uns três quilómetros para chegar aos lameiros. Juntam-se com os outros pastores, e o pequeno, a quem os ares da serra aceleraram os apetites, já apontava os olhos a uma pastora que não lhe ligava nenhuma. Era ainda muito novo para as intenções da rapariga. Mal aquecia o sol, as ovelhas perdiam o comer, começavam a afocinhar na erva, e eles voltavam ao povoado.

## CONTRABANDEAR GUERRA

**A** PESAR das asperezas da aldeia, Valentim, na escola, impressiona com o seu espírito vivo e criador. Parecia ser temente das coisas da lei,

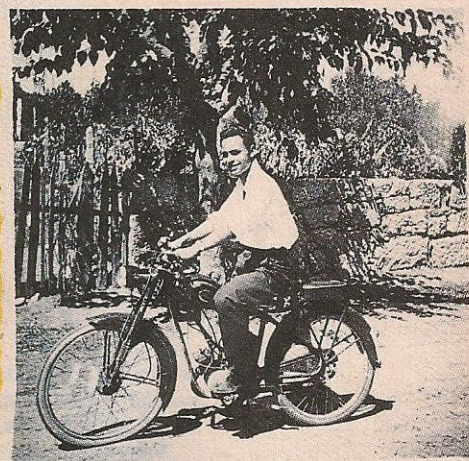


e numa redacção cujo tema era o automóvel larga a sentença: «Os automóveis são dirigidos por um homem que se chama motorista. Este tem muito cuidado porque se o deixa ir contra uma parede é-lhe apreendida a carta, isto é, não o deixam mais dirigir o carro e ainda paga uma multa.» Desembaraça-se num abrir e fechar de olhos das questões aritméticas e, enquanto os outros não terminam, entrega-se a patifarias, onde também é barra. O professor, para o entreter e não o aturar, viu-se obrigado a comprar especialmente para ele cadernos de problemas.

Quando Armando Marques se ausenta, Valentim é o escolhido para fazer as vezes do regente. Já na altura não deixava escapar as oportunidades e entretinha-se a distribuir galhetas pelos outros. O pai, Joaquim, tornara-se marchante de gado e ia prosperando. Andava léguas de macho a comprar reses que depois punha a ganho, tráfalando no negócio. Por isso nem se aproximava da igreja. E ao Américo Rouxinol, um ferreiro que mais tarde havia de ser seu motorista, costumava dizer: «Não vou à confissão porque amanhã tenho de enganar outro.»

Mantinha o mesmo apego de jovem às mulheres, diz-se que em cada aldeia tinha um ilegítimo. Três pelo menos havia de perfilhar quando Maria Adelaide morresse. Nas andanças do negócio, corria as freguesias e as feiras e aprazava encontro com as amigas. Depois encontravam-se na mata e entre as carvalhas novas e as giestas davam aconchego à carne.

Maria Adelaide, esta, vivia pesada. Era mulher enxuta de ilusões, resignava-se. Quando perdia as estribeiras, atirava-lhe os seus trabalhos em cara, mas a resposta do marido calava-a: «Mulher, não te rales, que as putas dão-me sorte.» De facto, Joaquim nunca foi homem para se deixar espremer por fêmea. Punha os animais ao ganho nas casas das amásias e repartiam o lucro, se bem que ele nunca ficasse a perder. Francisca dos Santos, irmã de Maria Adelaide, conhecia-lhe os sofrimentos: «Sabe Deus como ►



Numa viagem de finalistas, a versão, à época, de Pedro Abrunhosa de Viseu, o primeiro da fila.

A viagem continua, e Valentim, primeiro à esquerda, 2ª fila, mantém a performance. Durante as férias, em Calde, quando o pai o poupa ao trabalho nos campos, dá umas passeatas de bicicleta

## MG PROFISSÕES LIBERAIS

Profissional Liberal?

Quadro?

Então é connosco...



- Depósitos com alta rentabilidade
- Crédito automático
- Serviços exclusivos



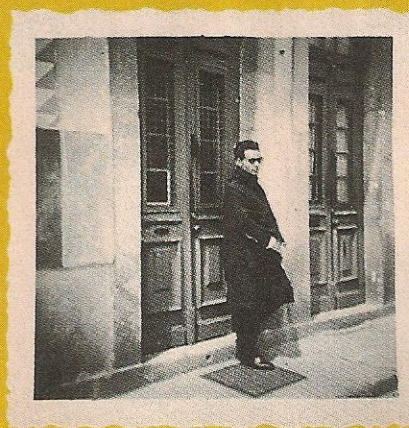
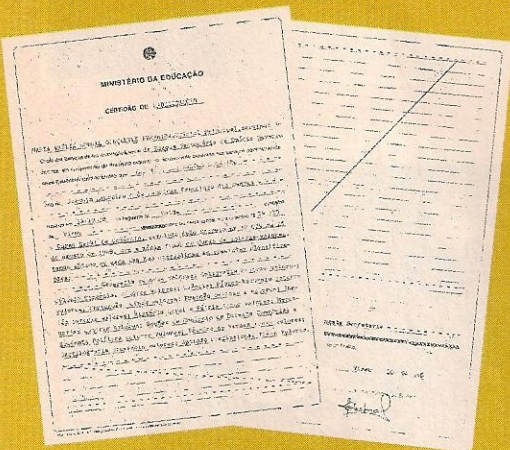
**MONTEPIO GERAL**

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE





Em 1957 não chega a dar provas no rãguebi, fica a aquecer o banco dos suplentes. Uma média final a não desprezar: 14 valores no Curso Geral de Comércio. Assim se livra de um futuro como guarda-livros e ruma ao Porto, para o Instituto Comercial. Nas férias, para variar, regressa a Calde onde convive com os amigos



**Joaquim também se orgulhava muito deste filho [Valentim], dizem que era o predilecto. Gabava-o a torto e a direito entre os amigos**

► ela sofreu, mas já não havia remédio. Ele, às agachadas, dava coisas às amantes.»

Valentim cresce sem se aperceber dos desentendimentos entre os pais. Na altura da sementeira, a família Loureiro rogava gente. Adiantava-se a II Grande Guerra, a fome era muita, e as gentes ofereciam-se só para encherem o bucho. Os campos enchiam-se de trabalhadores, e Maria Adelaide aparecia por lá com a merenda nos cestos de vime. A cebola picada com sal que se comia a rilhar a broa, que o pão de trigo à época era luxo, era a galinha dos pobres. Valentim, que anda entre os homens a dar uma achega, assiste pela primeira vez ao despique entre os pais: «Foi a única discussão que vi por causa de saias. Mas o meu pai era um bom homem, com ele aprendi a ter palavra.»

Joaquim também se orgulhava muito deste filho, dizem que era o predilecto. Gabava-o a torto e a direito entre os amigos. Um dia, na cavaqueira na taverna, para experi-

mentar o rapaz, diz-lhe: «Ó Valentim, vai-me comprar um cabrito.» Enfia-lhe 20 escudos nos bolsos, e o pequeno, que vinha de completar oito anos, dirige-se para casa do Valentim das Barbas, um dos abastados da aldeia, já no intuito de trapacear o velho.

«Tio Valentim, tem algum cabrito que me queira vender?» E o homem, que suspeitava que aquilo era mangação, pendura o sorriso, e diz-lhe: «Tu é que me ias comprar um cabrito? Tens dinheiro? Então vai ao curral que te vendo aquele.» O petiz, à semelhança do que via os homens fazer, abraça com a mão esquerda o peito do bicho e coloca a outra na perna direita, medita uns segundos como quem lhe tira o peso e remata: «Dou-lhe dez escudos.» O velho das barbas, a reinar, regateava: «Se deres 12\$50, vendo.» Só o quilo de carne era metade do negócio proposto. Mas o homem não esperava o desfecho: do bolso das calças de cotim, Valentim, para espanto do outro, puxa de uma nota de 20. E

fez-se negócio, porque palavra naquele tempo valia ouro.

Os alemães somavam conquistas que faziam tremer a Europa, e no País à Beira-Mar Plantado passava-se muita falta. Em Calde, chegou-se a apanhar pés de ortiga para a sopa. Nas aldeias havia muita mulher solteira com barrigadas de filhos que não se negava a ninguém, porque a fome se matava por 25 tostões. A boa gente sumia-se na emigração, outros contentavam-se com menor sorte e ficavam-se pelo Alentejo.

Nas terras de Joaquim a coisa corre a preceito, mede-se à gota o azeite que se gasta na sopa, mais o vinho que os homens, para esquecer os reveses, acrescentavam ao caldo. Dizia o proprietário: «Se queres beber no copo não botes na sopa.» Joaquim era um homem a quem o dinheiro arrastava o génio e a quem a guerra trazia boas novas, dedicava-se à candonga. O alqueive de milho inflacionou para 120 escudos, e noite dentro galgava serros e vales para as ►





**1957: Valentim e Joaquina namoram em público, como se queria na época, para evitar as bocas do mundo. Na Sé do Porto, e durante uns passeios nos arredores de casa da moça, trocam confidências**



► bandas de Rio de Mel a passar o contrabando.

## UMA CRIANÇA DE QUEM SE GOSTA

**V**ALENTIM, quando termina a primária, e saíam-se em abono da verdade que com distinção, a família prosperava. Na escola deixa boas recordações. Maria de Lurdes, mulher do professor, nunca o esqueceu: «Era muito esperto e tinha a boca sempre aberta e um sorriso malandroso. Uma criança de quem se gostava.»

Os filhos de Joaquim foram os primeiros da terra a irem estudar para fora. À excepção do mais velho, Graciano, que com apenas 11 anos toma o norte da venda. Aníbal, o do meio, segue o rumo do seminário, onde não se aguenta muito tempo, porque não se verga à disciplina monástica. Valentim nunca tinha visto o mar, e das histórias do mundo só ouvira falar de D. Afonso Henriques. À cidade fora apenas duas vezes, uma na carreira, e da outra mal a avistara do topo da carrega do avô.

Com a chegada a Viseu para estudar, abrem-se os horizontes. Hospeda-se na Parreira, estalagem onde partilha o quarto com Aníbal, que entretanto se tinha escaldado na vocação de obreiro de Deus, e com a irmã, Maria dos Prazeres, a quem controlam os ais. Cada um paga por mês, dormida e comes incluídos, 400 escudos, pontapé no orçamento familiar.

Desde logo se vê que o rapaz está talhado para deslizes. Se na escola o caloiro já mostrava as suas qualidades, na sociedade ainda não tinha as precauções de homem que decidira nunca dar de caras com a justiça. A Feira de S. Mateus estoirava, às terças, com a pasmeira de Viseu. Quando as tendas se desfazem, Valentim e a pandilha invadem o terreiro a disputar a bola de trapos. O futebol na altura era proibido, e corria nas bocas do povo que fazia mal ao corpo. A polícia de costumes, que andava sempre com os desportistas em mira, um dia dá um flagra no grupo. Valentim, que se mantinha rude de modos, respinga. Mas o agente não está para levar desaforos para casa e mete-o na prisão. «Vais dormir aqui para não teres a mania», disse-lhe outra voz da autoridade, que por acaso era seu primo. E o rapaz pernoitaria entre os meliantes, não fosse o irmão Aníbal, que chorava do outro lado das grades como uma Madalena, a ajudar com uma nota de 20 escudos, que lhe permitiu

dormir num quartito e escapar à enxovia.

Continuava alheio a perigos e obstáculos e aproveitava-se da boa disposição do pai, quando este vinha feirar à cidade, para arrecadar mais uns trocos para os devaneios. Tinha acabado de saltar a meninice, ia nos 13 anos, e já lhe dava para frequentar antros abandalhados. Em Viseu, como em todas as cidades, havia uma Rua Escura, e foi aí que pela primeira vez conheceu mulher. Era a Piãozinho, ou talvez a Peiroteu, muito usada, um tanto desnalgada, mas um consolo para os aprendizes dos segredos femininos. «De facto estava já gasta, mas as bonitas eram muito solicitadas» — «flash-back» do iniciado.

Nada disto fazia o rapaz fugir às virtudes do ensino. Na Escola Comercial de Viseu, para onde iam os filhos de famílias de curto pé-de-meia, prometia chegar longe. Mostrava ter muita léria e triunfava a Português com 15 valores, e nas línguas ultrapassava todas as fronteiras, alcançando Francês com 16. Ana Emília de Andrade, professora desta cadeira, ainda o guarda na lembrança: «Era expressivo, vivo e muito inteligente, mas para atingir os seus fins fazia tudo.»

Nas aulas brilha sem esforço, e os colegas recordam que não se vergava à sabedoria dos lentes. Ainda no primeiro ano, quando a Português o prof. Moniz lhe dá um 11, não se amocha à injustiça e discute alto e bom som, como é seu género: «O que está mal é haver professores incompetentes.» A cena desfechase com um convite do docente para um duelo: «Se o sr. Valentim Loureiro fosse mais crescidinho, convidava-o para lhe dar um par de estalos lá fora.»

Quando começavam as férias grandes zarpava para Calde, era tempo de regar e sachar, e o rapaz ajudava contrariado. Com a chegada do calor, as mulheres livravam-se da capucha e andavam com a carita ao léu. Sentavam-se debaixo das enormes carvalhas a tascar o linho, esqueciam-se as questiúnculas das águas que às vezes acabavam à sacholada e cantava-se ao desafio. Os homens abancavam na venda e jogavam às cartas. Mas na altura da desfolhada juntava-se meio mundo nas eiras da família Loureiro, os carros de bois despejavam o milho e homens e mulheres separavam a palha da maçaroca. Valentim ali andava a dar uma mão.

Ainda não lhe despontava o buço e já a febre do lucro o dominava. Aos 11 anos faz o primeiro negócio. Um dia entabula conversa com um revendedor de sardinhas que as



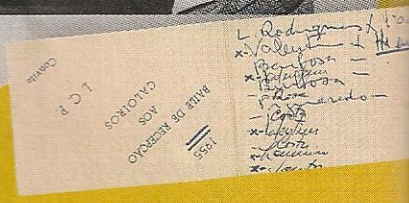
transportava de Aveiro. Era o passadio dos camponeses e tinham muita procura. Passa a comprar-lhe uma caixa que vende ao quarteirão. «Uns 20 escudos de ganho tinha eu aos 11 anos.» Estava encaminhado na vida.

Voltava o Inverno e a batuta da escola, onde se mantém com esmero e bate-se por ser o primeiro. Só estuda de véspera, acorda com as cinco da manhã e enfia-se na Cave de Viriato, talvez o guerreiro lusitano lhe desse inspiração. A leituras não era dado, e muito menos as poesias que abrandam o coração. «Coup de foudre», só pelo Amor de Perdição, que leu de fio a pavio: «Porque era uma história de amor, mata e esfola...» Andava a despique com Rolando Cardoso, que se desunhava por não ser ultrapassado: «Eu fui melhor aluno porque me dedicava mais, mas sabia que ele tinha mais capacidades do que eu, o que me obrigou a marrar o dobro», recorda o colega.

A cortar a rotina de Viseu só as casas de má fama e os clubes. Havia o de Viseu para as classes graúdas; o Montepio Geral para os mangas-de-alpaca; e o Orfeu, mais ao gosto do jovem Valentim, num canto da Rua Direita, aonde iam as sopeiras. ►



Num baile, Valentim dá mostras do que aprendeu na casa do Chico Dançarino, e com a namorada acaba por arrecadar o prémio da noite. Para ninguém lhe roubar o par, inscreveu-se cinco vezes no bilhete de entrada de Joaquina



Apartamentos e moradias em banda T2 e T3 desde 18.000.000\$00  
Lotes para vivendas desde 10.000.000\$00 (1.400 m<sup>2</sup>)

## Ter casa de férias está a mudar de sentido

Até aqui, ter casa de férias significava uma só direcção. Longas horas de viagem, engarrafamentos, praias a abarrotar, barulho, em suma, contrariedades sem fim. Se é neste sentido que está direccionado, então vai ter de tirar férias para recuperar das suas férias.

É tempo de virar costas à confusão e seguir outro rumo.

A PRAIA D'EL REY, junto a Óbidos e a menos de uma hora de Lisboa pela A8, é o destino de quem procura uma casa de férias para gozar tranquilamente os tempos livres na companhia da família, com grande qualidade de vida e em total segurança.

Junto à praia, num cenário idílico, rodeada por um magnífico campo de golfe, a sua casa mais do que uma porta para a natureza é um investimento seguro.

Na PRAIA D'EL REY, para além do golfe, terá à sua disposição courts de ténis, um centro de hipismo e um acolhedor clubhouse.



Agora a sua casa de férias é noutro sentido  
Mude de direcção para a PRAIA D'EL REY



**SAVIOTTI & ESAGUY**

Para mais informações ou para visitar a nossa casa modelo, contacte:  
Sociedade de Mediação Imobiliária, Lda.  
Rua Marquês da Fronteira, 76-7º1070 Lisboa  
Tel: (01) 3870441/82  
Fax: (081) 3850376  
E-mail: t00193@mail.telepac.pt  
Web page: <http://www.nexus-pt.com/beltico/>

Gostaria de receber informação mais detalhada.  EXP

Moradias em banda  Apartamentos  Lotes para vivendas

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Tel \_\_\_\_\_ Fax \_\_\_\_\_





**Na Escola do Exército, escapulia-se sempre que podia aos exercícios físicos. No picadeiro, primeiro à esquerda, temia o baio que o haveria de atirar ao chão vezes sem conta. Mas brilhava no desfile de abertura do ano lectivo, 1958, primeiro à esquerda na segunda fila. E mostra o físico num desafio de futebol entre colegas, primeiro à direita, na primeira fila**



► Ao beirão puxava-lhe o pé para a dança, mas amanhava-se mal.

No fim do curso, e para rivalizarem com os meninos do liceu que debutavam no Cine-Rossio, os da Escola Comercial organizam-se no Teatro Avenida. Ao Valentim ainda faltava o jeito à Rudolfo Valentino e vai receber lições no Orfeu, com o Chico Bailarino. Mas os inaptos eram tantos que Chico delega as funções num colega do jovem de Calde com fama de bom dançarino. Foi a Amadeu Cardoso, a quem as voltas do mundo fariam seguir carreira, que coube o berbicacho. **«Deu-me tantas pisadelas que a única forma de o encaminhar foi pondo os pés dele em cima dos meus e andar a marcar passo.»**

## TROVAS A JOAQUINA

**E**M 1948 termina o Curso Geral do Comércio com média final de 14 valores, ou seja, em glória. Joaquim, o pai, move empenhos junto de Ramiro Vale, o maior armazenista de mercearia da cidade, para o lugar de contabilista. Mas o expediente do rapaz dava tanto brado que o outro aconselha o pai a continuar-lhe os estudos. E é assim que Valentim Loureiro, que podia não ter passado de guarda-livros, com 16 anos rumo ao Porto para cumprir o seu fadário.

Também aqui chega para dar cartas. A um mês do exame de admissão para o Instituto Comercial, prepara-se nas explicações do sr. Ribeiro. **«Verifiquei logo que sabia mais do que os outros»**, diz o próprio. E é logo ali que o moço arruma o coração. A Joaquina Pinto, vistosa, um tanto baixa, loira, pele fina, chamavam-lhe olhos-de-gata. Quando atravessava a Cordoaria, passo airoso a esgueirar-se da penitenciária, logo os presos davam por ela e lançavam-lhe cortesias: **«Ó loirinha, ó loirinha!»** Ele embica com ela à primeira, mas não é correspondido. Joaquina andava de caso com um candidato a advogado. No entanto, nas explicações, a rapariga topa-lhe logo as qualidades: **«Ele chega e dá logo nas vistas, num mês esmaga todos.»**

Também Joaquina vinha de uma família humilde que se esfalfou para prosperar. O pai, João Pinto, filho de um cesteiro e de uma costureira, tinha a Camisaria Londrina na Baixa do Porto. Mas quando aqui chegou, vindo de Ansedede, começara como moço-de-fretes e rapidamente singrou. Joaquina cresce entre os hábitos regrados de quem veio ►





**Com pompa e circunstância, o par marca presença no baile dos finalistas da Escola do Exército. E, em 1962**

**Valentim pede a mão a Joaquina, já está colocado na Escola Prática de Administração Militar e recebe líquido 1.527\$10 de soldo**

► do nada. Tinha direito a dois vestidos por ano, um no Inverno e outro no Verão, e quando queria mais um trapo cabiam-lhe os tecidos monos que vinham em fim de época da loja do pai. Mas ao baile, onde finalmente se compromete com Valentim, leva um vestido de corte de princesa. Era de angorá cinzento, com uma fita de veludo preta que cruzava nuns ilhozes, deslumbrante. Ainda hoje, quando recorda esses tempos, Valentim quebra a armadura e diz-lhe: «Estou-me a lembrar de ti, loirita, com umas saias rodadas e uns sapatinhos rasos.»

Nas voltas da valsa, Valentim descobre que a rapariga está livre. Nas costas do bilhete de entrada no clube os jovens inscrevem-se e aguardam que a dama lhes conceda a próxima dança. Valentim, de uma assentada, preenche o cartão de alto a baixo com os seus prenomes e consegue que lhe sejam reservadas as vezes seguintes. Ao fim da noite estava escrito que combinariam para a vida.

Quem não achou graça à história foi Joaquim, quando em Calde recebe a notícia. Era um tempo em que os casamentos se arranjavam entre famílias, e o homem vê na moça da cidade a perdição do filho. Quando, nas férias, apanha Valentim, coloca-o entre a espada e a parede: ou esquecia a moça ou acabava a vida regalada de estudante. Só que o rapaz não tinha feito o para acatar ditames, e muito menos ordens.

Vendo que não o vergava, Joaquim põe-no a enrijar o corpo com os seus trabalhadores. Parte de manhã, à frente da junta de bois, anda de enxada na mão no labor da resina ou a rachar cavacas até as mãos esguicharem sangue. Ficou com as mãos calejadas do rijo cabo da sachola. Qual trovador a cantar os seus padeceres, escrevia amiúde à namorada. Grande foi o espanto de Joaquina quando, ao abrir um envelope, lhe caem no regaço os calos das mãos do verde lavrador. Nem torceu nem quebrou, e Joaquim, que tinha fezada naquele rapaz, manda-o de volta para os estudos.

No Porto, o namoro vai de vento em popa, quebrado aqui e ali com umas cenas de ciúme do beirão. Está prestes a terminar o Instituto quando lhe falam nas facilidades na Escola do Exército. Pela primeira vez, o Estado paga a formação dos seus militares. Valentim não tinha vocação, teria preferido Direito, mas não quis ser um encargo para os pais. Contrariando o seu temperamento, parte para Lisboa a fim de seguir a vida militar, mas na tropa não iria ser muito ditoso.

**E. P. A. M.**

Nome: Valentim de 19

Matrícula: 2003

Estado: Alentejo

Localidade: Alentejo

**A receber:**

Saldo	
Créditos de Serviço	
Aluguer de quarto	
Aluguer de família	
Somos <u>2003</u>	
<b>Debetos:</b>	
Assid. isobrevatões	
C. O. de Aposentados	
Momp. Serv. Ligeiro Estado	
Coife de residência	
Data de prova de residência	
Aluguer de quarto	
Aluguer de família	
H. M. Praticar	
Imposto de Selo	
A receber: <u>2003</u>	
<b>Debetos particulares:</b>	
Solo de férias	
Moradia	
Praticar	
Moradia	
Dep. de diversos	
Q. S. E.	
Fabricao	
Luz	
Casaca	
Aluguer de quarto	
Aluguer de família	
Líquido a receber: <u>1.527\$10</u>	



## «EN GARDE», VALENTIM!

**N**A ESCOLA do Exército, os colegas tinham resolvido dar-lhe ou tra chance. Acreditavam que não havia rapazes maus, que aquilo tinha sido um deslumbramento. Mas a falsificação dos vales corra de boca em boca e sobre a sua cabeça pairava uma lâmina afiada disposta a tocá-lo no próximo deslize. Valentim, no entanto, não se acanha e volta às boas com a malta. Mendonça, mais conhecido por «Capelão», mercê dos seus modos atilados e hábitos regrados, tira-lhe o retrato: «**Ele aguentou-se porque tem cara para aguentar tudo e uma grande capacidade de insinuação.**» O rapaz, serviçal e pândego, tinha facilidade em granjear amigos. «**Era o saloio esperto que foi aceite no grupo, integra-se de imediato, sempre pronto para tudo, a ajudar toda a gente. Se bem que depois da cena do vale tenha sido tratado com alguma reserva**» — mais um acrescento de Mendonça.

Continuava dotado de inteligência, e no curso, onde acabaria por ser o segundo, trabalhava com afinco. Já se revelava um homem determi-

nado e não descolava dos seus objetivos. Nos dias de teste balda-se a Educação Física, evocando doença que justificava depois ao médico Carvalho. Aliás, em matéria desportiva, não era grande pistolão. No picadeiro, quando ouvia a estropiada do Baio, cavalo de montada fina, recuava, olhava-o de esguelha com a desconfiança típica do serrano e mordía: «**Xe me calha o Baio, xa não tenho força para xantar.**» Montava e escorregava da sela. Mas, obstinado, voltava à carga, na ânsia de dominar a besta. Voltava a cair. No salto ao plinto era a gargalhada. Saltava, não passava do meio porque tinha medo de partir as ventas. Pinto Ferreira, hoje coronel, picava-o: «**Salte lá, que eu também parti o nariz e sou um homem belo.**» Por sua vez, o general Adérito Figueira, o professor de esgrima, uma bizarma de homem, ficou no corpo com as marcas do valente espadachim. «En garde!», Valentim! Qual quê, passo à frente, cabeça a fundo, e Valentim investia sem ver para onde e estocava o mestre. Já farto de provar o florim do estudante, o instrutor desafiava-o: «**Já que insiste em bater-me, agora vamos lutar a sério.**» Colocou a máscara. «En garde!», Valentim, e «Roxinha» levou a coça da sua vida.

Com os professores era obsequioso. Aguiar dos Santos, instrutor no 2º ano de Tática, faz a ficha do cadete: «**Ele procurava o diálogo com os professores. Era bom aluno, bastante inteligente, mas observei que alguns colegas procuravam não ter conversas com ele. Estava um pouco isolado em relação aos outros.**» Também mantinha o olho vivo para negócios. No fundo, era para isso que estava fadado, parecia atrair o dinheiro. Em dois tempos, passa a andar de motorizada, compra dois carros em segunda mão, um Rover e um Morris. Tinha o poder de multiplicar os patacos e aluga os carros aos colegas a 12 tostões o quilómetro. Quando os outros regateavam, utilizava a máxima que lhe assentaria para a vida inteira: «**Quem não xabe faxter comércio não xe estabelece.**»

Tinham-no ensinado a não malbaratar, mas Valentim nunca foi comedido. Não lhe minguavam atractivos junto das mulheres, era cheio de brios no trajar, cabelos cuidadosamente penteados, botões a brilhar e as botas irrepreensíveis até ao exagero.

A partir das dez da noite, trancas à porta na Escola do Exército. Os mais folgazões pulavam o muro da Gomes Freire e iam para a ▶

**Na Escola do Exército, o rapaz, serviçal e pândego, tinha facilidade em granjear amigos. E no curso, onde acabaria por ser o segundo, trabalhava com afinco**



“Como sou proprietária da casa onde vivo, fiz o seguro CasaPrópria da Bonança. Segurei a casa e o que ela contém. Ganhei no preço e nas coberturas. E ainda me ofereceram um saco de viagem.”

CasaPrópria da Bonança,  
o melhor ao melhor preço.  
Consulte o seu mediador  
ou um dos Balcões da Bonança.

COMPANHIA DE SEGUROS  
**bonança**



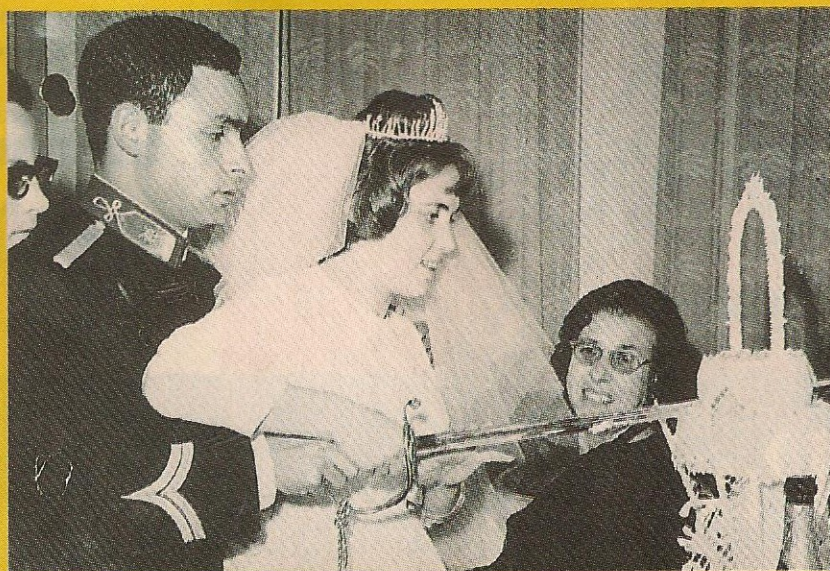
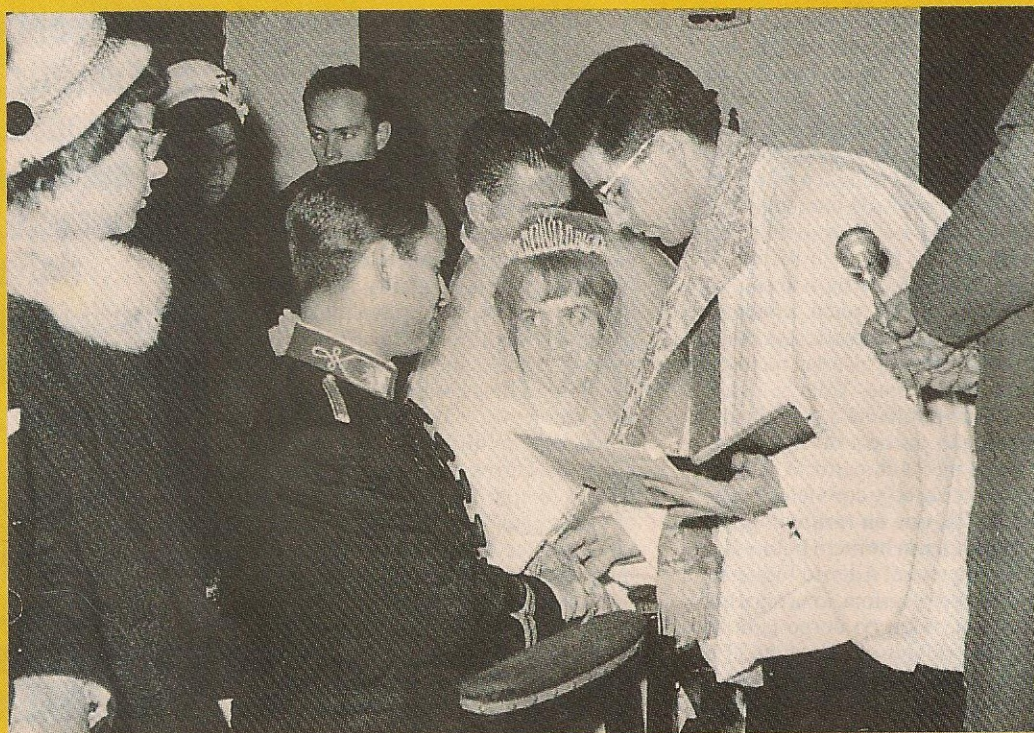
Oferta para os primeiros 500 clientes.

**CasaPrópria**



ESCOLHA BEM.  
SEJA FELIZ.





Na igreja do Bonfim, em 1963, unem-se para o melhor e para o pior. O tenente, já casado, provavelmente a fazer juras de amor eterno. No copo-d'água dão a primeira facada no bolo de noiva

► vida. Valentim conhecia de cor as ruas de pior fama da cidade. Com Cunha Bispo e Ventura Cortes iam pôr cobro às exigências da carne para os lados de Alfama ou Bairro Alto. E pela meia-noite, para retemperar forças, caldo-verde no Ritz. Apesar de nessa altura os bordéis terem calçadeiras, Valentim, que era muito despachado, retilava nestas ocasiões contra os atavios da tropa: «**Raios partam, que as botas altas é que atrapalham**», recorda Cunha Bispo, que mais tarde haveria de se cruzar no futebol com ele.

Na inocência vivia Joaquina, que enviava ao estovado as suas economias de solteira. E foi por estas e outras que Valentim apanhou uma fraqueza pulmonar. Estava de férias em Calde, era Páscoa, ia a sair da igreja, apanha uma pontada de ar. Parecia um valente catarro, tosse e cospe sangue. Estava tísico. Põe em risco o tirocínio e vai-se tratar para o Caramulo. Mas não abranda: «**Era doença que espevitava a curiosidade das coisas do sexo**», chora-se o paciente. E toca de correr os bailes dos arredores. Mas nunca descursa o namoro com Joaquina e requisita todos os dias às centrais telefónicas uma hora de conversa. A doença não tinha melhoras, e Valentim, já farto dos ares da serra, exige que o operem, fica sem o lóbulo superior do pulmão direito.

## A GUERRA MADRINHA

**D**E REGRESSO à Amadora, vem a tempo de terminar o tirocínio. Os colegas, condescendentes, tinham dividido entre si o pelotão que lhe caberia e não o deram em falta. A guerra em África rebentara, e no Tejo, apinhado o cais, famílias em pranto despediam-se dos paquetes que largavam a transbordar de praças. Valentim está entre os melhor classificados do curso e fica na Escola Prática de Administração Militar.

Em 1963, depois da promoção a tenente, na igreja do Bonfim Valentim e Joaquina unem-se para o melhor e para o pior. A rapariga interrompe o curso de Economia e acompanha-o para Lisboa. Ainda nesse ano nasce o primeiro filho do casal, João Loureiro.

No Exército, os oficiais não ganham grande coisa. Com um ordenado de dois contos e picos, Valentim sabe administrar muito bem o orçamento familiar. Continua a não desprezar as oportunidades, a guerra nas colónias não recuava, e ofereceu-se como voluntário, no engodo de



casa e carro à disposição. O futuro parecia infinito, tudo estava ainda por vir. E antes de partir vende o que tem, carro e mobílias, e com um primo da mulher monta a Electrovisão, a sua primeira loja de electrodomésticos. Faz as malas para Luanda, onde assenta na Manutenção Militar. Em Angola havia oportunidades de sobra para gente de imaginação.

Os colonos simulavam uma grandeza que enbasbacaria os seus antepassados. À noite, nas varandas das velhas casas coloniais, as senhoras bebericavam vermute e jogavam bridge, enquanto os pretos batucavam marimbas nos musseques. A tropa recuperava da surpresa inicial e melhorava a organização logística. Luanda fazia-se uma cidade mundana, todos os dias apareciam novos cabarés e «night-clubs», e na mata os soldados pelavam-se por um dia de licença na capital.

A família Loureiro vai crescendo à média de um filho por ano, e, para espanto de todos, leva vida de estadao. Valentim tinha tudo: vontade, ambição e poucos pruridos. Dele dizia-se mundos e fundos, e quando, no ano de 1965, vai comandar o Depósito Avançado de Víveres nº 823, em S. Salvador, começam as peitas com a justiça militar. Na che-

fia da Região Militar de Angola é arquivado um processo, por falta de provas, acusando o capitão Valentim Loureiro, entre outros, de exigir facturas falsas aos comerciantes. E também é citado num auto de averiguações que corria, contra ele e mais militares, no célebre processo dos camionistas que rumou à História como o «Caso do Elisiário» — exclusivos de adjudicação de serviços com grave prejuízo para o Estado.

S. Salvador era sítio de ninguém, a norte de Angola, zona de insurreções, e a figura lendária da Rainha do Congo enchia as bocas do povo. Vila fantasmagórica, com meia dúzia de casas, enfiada na mata onde o inimigo espreitava. Ali estava proibida a entrada das mulheres dos militares. Valentim fica a viver no quartel e, longe dos cuidados de Joaquina, mata a fome na messe. Mas em pouco tempo abre uma guerra e consegue que as mulheres dos oficiais furem os entraves. Joaquina chega de avião, dorme no chão e faz o repasto em cima das malas desfeitas: «Ele podia ter comprado cama e mesa, mas ficou à espera que o Exército as enviasse», recorda a sitiada.

O marido, entretanto, troca de pasta com o seu antecessor, capitão Rui Tavares Luc, e faz a contabilida-

de da casa. Nos depósitos de víveres havia faltas que os sargentos camuflavam com truques do tempo da maria cachucha. Nas pipas de vinho juntavam água e nas latas de azeite, óleo. O capitão, que não está nada interessado em ficar neste cu de Judas, vai à capital e expõe a situação. Mas não há nada a fazer e volta recambiado. Mais tarde utilizará esta situação para passar as culpas ao capitão Luc.

A guerra tinha deixado de ser à catana, e os nossos soldados regressavam à metrópole com os corpos trespassados de balas de armas sofisticadas. Abrem-se novas frentes de luta no Leste, mas as forças portuguesas controlam grande parte da população que andara com a guerrilha e tentam neutralizar os santuários dos nacionalistas. Alguns militares acreditavam que se podia negociar uma solução política, mas, enquanto ela não chegava, muitos faziam os possíveis por tirar partido da guerra.

Uma manhã de fins de 1966, pelas 12h30, entra no gabinete de Valentim, com um comerciante, o antigo colega de curso Presa Fernandes, responsável pela secção de víveres da chefia do Serviço de Intendência em Luanda. O comerciante, Manuel Marques Cabral, ►

**Ainda hoje,  
Valentim  
quebra  
a armadura  
e diz-lhe  
[a Joaquina]:  
«Estou-me  
a lembrar  
de ti, loirita,  
com umas  
saias rodadas  
e uns  
sapatinhos  
rasos»**



“Como vivo numa casa que não é minha, fiz o seguro CasaArrendada da Bonança. Segurei só os meus bens. Ganhei no preço e nas coberturas. E ainda me ofereceram um saco de viagem.”

**CasaArrendada** da Bonança, o melhor ao melhor preço. Consulte o seu mediador ou um dos Balcões da Bonança.

COMPANHIA DE SEGUROS  
**bonança**



Oferta para os primeiros 300 clientes.

**CasaArrendada**



ESCOLHA BEM.  
SEJA FELIZ.





**1963, África, a guerra de Valentim: o soldado, depois de luta renhida com o inimigo, mostra o troféu. Quatro anos depois de outras guerras, nasce o último rebento, Daniela. Noutras guerras ainda, o oficial escolhe os trunfos**



► rondava os 40 anos e tinha saído de uma aldeia dos arredores da Guarda para fazer fortuna em África. Enriquecera e tinha negócios de carne e batata nos quatro cantos de Angola. Havia já uns anos que fornecia o Exército destes géneros.

Abastecer a tropa era o objectivo de muitos, e quando abriam os concursos havia cem civis a um osso. Cabral ainda nessa manhã contactara em Luanda com Presa Fernandes, no intuito de assinar contrato de fornecimento de batatas. Este não o desilude, mas adianta ser necessário falar com Valentim, que se encontra no Norte. Manuel Marques, levado pela ânsia do lucro, freta um táxi aéreo e deslocam-se ambos a S. Salvador. No teco-teco atravessam as matas onde os soldados combatem e aguardam a sua hora. Estava quase no intervalo do almoço quando Valentim os recebe. Conversa para cá, conversa para lá, e está quase a firmar-se uma arremetida aos cofres da Fazenda Nacional. Os dois oficiais convencem o comerciante a trapacear o Exército nos custos do tubérculo. O preço real da batata estava a 3\$50, mas Manuel Marques debitaria a 3\$80. A comissão de 30 centavos seria dividida pelos dois oficiais.

Feita a tramóia, que ainda traria muitos amargos de boca, Presa Fernandes regressa aos seus afazeres na capital, ignorando que nas suas costas o negócio não pára. Os outros saem para almoço, e durante o repasto Valentim estica a sua comissão: o quilo da batata para os 3.500 homens que havia para alimentar na região atinge os 4\$00. Tempos mais tarde, quando o comerciante resolve desmascarar o imbróglia, esmiúça o diálogo com o beirão naquele célebre almoço: «**O fornecimento fica a 3\$50 o quilo, mas o recibo terá de ser passado a 4\$00, mas como o cap. Presa Fernandes tem conhecimento que o senhor propôs o preço de 3\$80 perante ele, vigora portanto este preço.**» Feitas as contas, enquanto Presa lucrava apenas \$15 por quilo, Valentim conseguia a percentagem de \$35.

Em 1967, quando termina a comissão, o capitão regressa à metrópole e assenta em Cavalaria 6, no Porto. Um dia, para seu espanto, aparece-lhe um major no quartel para o interrogar num auto de averiguações que entretanto lhe tinha sido movido. Nada menos do que um calhamaço de quatro volumes, perto de 800 folhas. Bem o espremeram, mas nada.

Antes de regressar, segundo declarações do comerciante, ainda tentou que as benesses viessem via aérea para a metrópole, mas Manuel

Marques tinha-lhe feito ouvidos moucos. O substituto de Valentim, o actual brigadeiro António Assunção, ao chegar a S. Salvador, corta as vazas ao negociante: «**Ao fazer a análise da situação disse-lhe que aquilo era uma coisa do passado que a mim em nada obrigava, e consegui retomar os reabastecimentos pela via normal. Estabeleci a minha linha de conduta, e é isso que faz estrebuchar as pessoas.**»

Manuel Marques tinha resolvido meter a boca no trombone, mesmo correndo o risco de ser acusado de colaborador na burla, e aparece no Batalhão de Intendência, em Luanda. Felisberto Esteves, comandante, recebe-o sem saber como segurar aquela batata quente. Quando o outro lhe diz que quer participar de um oficial, não duvidou tratar-se de Valentim, de quem já se dizia cobras e lagartos. Atrapalhado, o comandante ainda tenta abrir os olhos ao outro. Pergunta-lhe se tem provas. E ele que sim. Tenta dissuadi-lo e acrescenta: «**Tenha em atenção no que se vai meter, olhe que ele é um oficial, e a PIDE ainda lhe cai em cima.**» Manuel Marques, que também corria o risco de ser enfiado na prisão, não arreda. Felisberto ouve-lhe as declarações e entrega o auto de notícia na Repartição de Justiça, onde segue os seus trâmites.

Entretanto, Presa Fernandes, contra quem já corra e fora arquivado um auto de corpo de delito, recebe as novas no Serviço de Intendência. Telefona a José Fonseca, industrial de camionagem que entretanto denunciara o caso do Elisiário, e pede-lhe que compareça na estrada de Catete. Até às 3 da manhã, na cavaqueira pede ao outro que interceda junto de Manuel Cabral e o demova de denunciar a burla. E noutra conversa, no Café Baleizão, o oficial ainda terá tecido juízos sobre os seus comparsas no negócio das batatas: «**(...) O comerciante Cabral e o cap. Loureiro eram uns vigaristas, explicando que a comissão que havia de ser a meias entre os dois foi, por combinação entre o cap. Loureiro e o comerciante Cabral, de 35 centavos por quilo da batata para o cap. Loureiro e só de 15 centavos para ele.**»

## DESCRÉDITO E EXPULSÃO

**C**OMO militar, Valentim é um homem desacreditado. A 25 desse mês, por ter infringido os nº 4º, 16º e 20º do artigo 4º do Regulamento de Disciplina Militar, era demitido do Exército Português, por ►





**Valentim aumenta o negócio e a descendência: Jorge, João, Nuno e Daniela, no sentido dos ponteiros do relógio. Mantém-se alheio aos ziguezagues da política e fiel a Joaquina**



► despacho ministerial (1). Um mês antes, o comandante da Região Militar de Angola, general Luz Cunha, embasbacado com a história das batatas e a «performance» dos dois militares, despacha o assunto para Lisboa: **«Considerando da maior gravidade as faltas praticadas pelos capitães Presa Fernandes e Valentim Loureiro e por me parecer que a punição a aplicar por tais infracções excede largamente a minha competência disciplinar (...) determino que os autos sejam enviados ao Ministro do Exército acompanhados de uma cópia de informação da mesma chefia.»**

Depois de terminados o auto de averiguações e uma peritagem, para saber o montante do desfalque à Fazenda Nacional, havia que determinar se a matéria chegava para levantar um processo-crime. Andavam a ver se lhe conseguiam o escalpe. Concluiu-se que só às algibeiras de Valentim fora parar a pequena quantia de 258.505\$85. Quase 15 mil contos nos dias de hoje. A informação de Luz Cunha para Lisboa era esclarecedora, e assim abria o seu parecer: **«Do exposto (...) resultou certos indícios que poderão ser considerados bastantes para que aos capitães Presa Fernandes e Santos Loureiro se instaure auto de corpo de delito pela prática de actos que se enquadram no disposto no artº 220º do C.J.M» (2).** Mas, temendo que em tribunal a prova fosse destruída, devido a alguns testemunhos pouco seguros e ao facto de os próprios negarem a acusação que lhes era feita, Luz Cunha acrescenta: **«Afigura-se que, desde já, se deverá julgar da matéria disciplinar autónoma, paralisando-se o procedimento criminal e ficando os autos, após aquele julgamento, a aguardar melhor prova.»**

Os dois oficiais nunca chegariam a enfrentar o tribunal militar. A história, ao que parece, envolvia altas patentes. No Café Baleizão, Presa Fernandes dissera alto e bom som ao camionista: **«Do mais alto ao mais baixo, todos comem.»**

Bacelar Ferreira estava na chefia de Contabilidade da Secção de Legislação e Contencioso quando o processo lhe cai nas mãos. Fez as contas ao rombo aos cofres do Estado, e até hoje não se conforma com o desenrolar do novelo: **«Como se sabia que havia militares responsáveis envolvidos, não se insiste no processo para chegar ao corpo do delito. Despachou-se apenas a parte administrativa.»**

Em Lisboa, Aventino Teixeira, ainda longe de inspirar Zeca Afonso na canção «Assim Se Faz Um Canalha», avisa Valentim de que vai ser

expulso, e este aproveita a dica para participar no Exército que perdeu os seus documentos. E continua, sem honra nem glória, a usar o título de capitão. Tinha já um significativo pecúlio para continuar a furar a vida. Já tinha outra loja de electrodomésticos e continuava desejoso de prosperar. Em Coimbra, no ano em que alguns estudantes apalpm o rabo a Américo Tomás, inscreve-se em Direito, onde só consegue fazer uma cadeira quando a confusão da revolução mimar os calaceiros com as passagens administrativas.

## OS VENTOS DE ABRIL

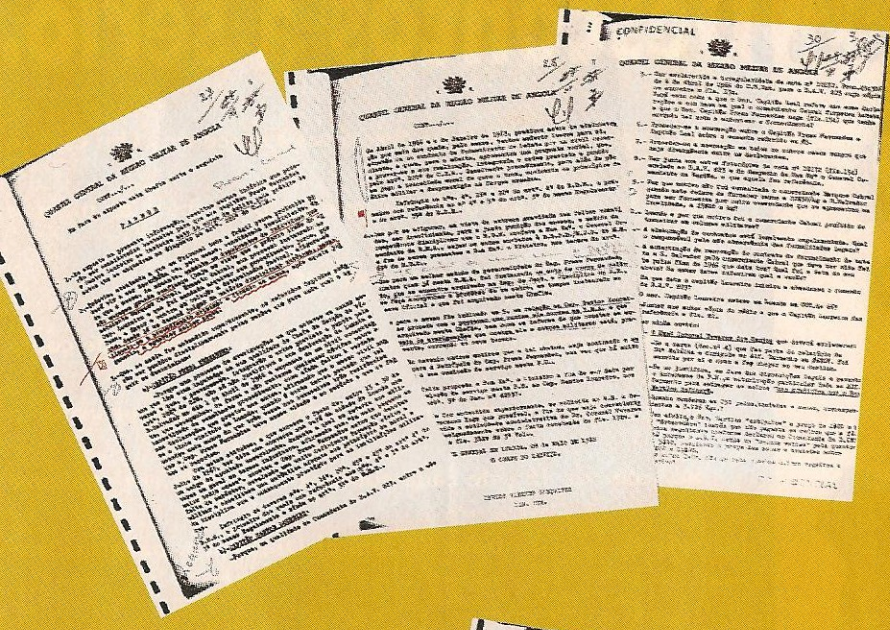
**P**OSSUÍA olhos de águia e antecipava-se a tudo. Em pouco tempo, torna-se o maior comerciante retalhista do Norte. Mês sim, mês não, abre uma loja. À proa da parte administrativa, a mulher, Joaquina. Ganha pipas de dinheiro alugando ou tomando de trespasse lojas a pessoas em fim de vida. E antecipa-se às grandes campanhas publicitárias, oferece libras de ouro a quem compre um televisor e 20 discos na compra de um gira-discos. No Estádio das Antas é a surpresa geral: um televisor ao jogador que marque dois golos. (Jamba) Djalma foi o mais sorteado com televisores. Já sabia manobrar a Imprensa, os jornalistas acompanhavam a entrega do prémio aos futebolistas e publicitavam-lhe as casas.

Em 1973 o País andava às avessas, mas Valentim mantém-se alheio aos vaivéns da política. Foi o ano da euforia da Bolsa. Até a extrema-esquerda jogou. O comerciante emprestava o dobro do que o cliente comprasse para este investir em acções. À coca, o Banco de Portugal multa-o.

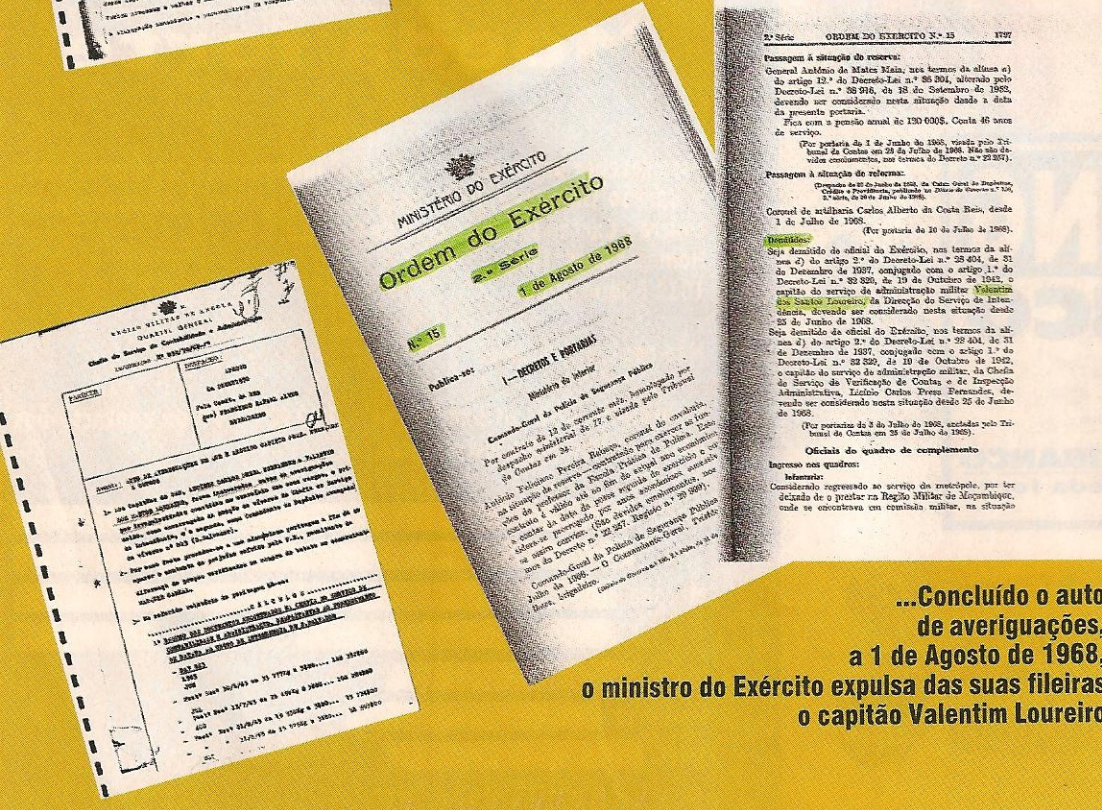
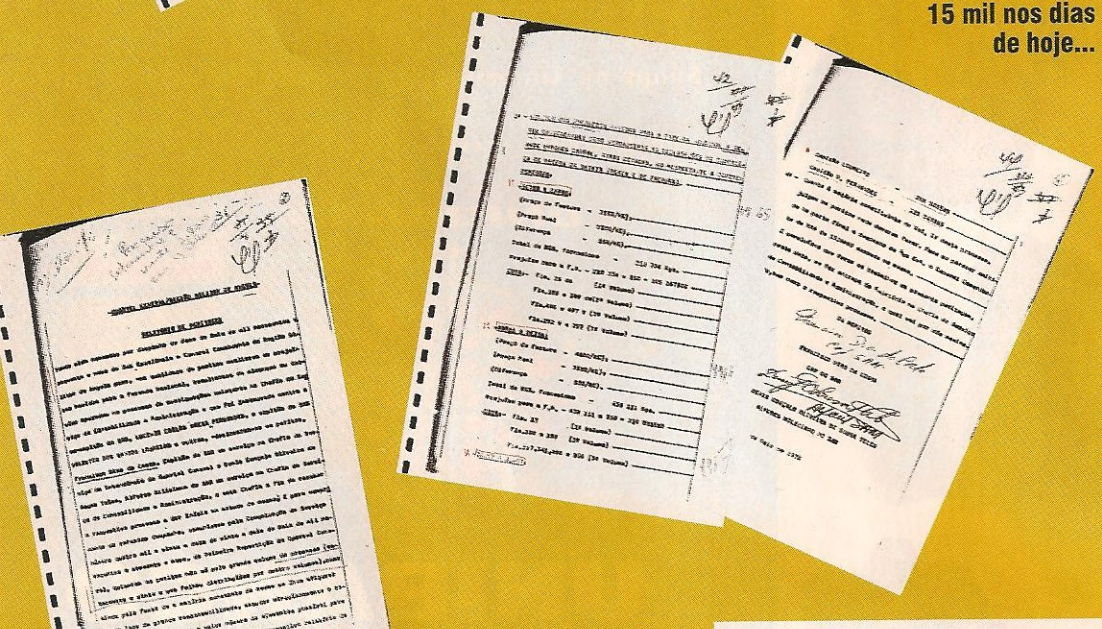
Havia uma luz incisiva naquele amanhecer de Abril. Valentim recebe a notícia na cama, telefonara-lhe um amigo. Liga o rádio para saber as últimas da Revolução, ouve o nome de Otelio e de outros. Conhecia o capitão de Abril dos tempos da Escola do Exército, onde ainda só revelara os trunfos de grande actor. Fica banzado: **«Eles falavam e pareciam preparados para a política. Anos mais tarde verifiquei que aquilo era tudo colado a cuspo.»** Pouco depois sai à rua, ciranda pelos quartéis, dá um pulo ao aeroporto de Pedras Rubras. Fazia suas as novas correntes, seria aliás contra-productente ir contra elas.

Por pouco tempo o País esteve nas mãos dos populares, que aproveitam a pausa para cobrar antigas afrontas. Os militares, pouco ►





**Em Angola, Valentim descarrila. O Quartel-General emite o parecer que leva à punição disciplinar. Por pouco não lhe é instaurado um auto corpo de delito. Exige-se uma peritagem para saber os danos causados à Fazenda Nacional: 258 contos, quase 15 mil nos dias de hoje...**



**...Concluído o auto de averiguações, a 1 de Agosto de 1968, o ministro do Exército expulsa das suas fileiras o capitão Valentim Loureiro**

► preparados, tentavam-se segurar ao galho do poder. E os fura-vidas, sempre de plantão, apaparicam o novo regime. Muitos, com medo do ajuste de contas, fogem. E os exilados políticos regressam em triunfo. Valentim, em longa carta, dava vivas aos militares que destronaram a ditadura. Vítor Alves, seu antigo colega e padrinho na Escola do Exército, recebe a missiva: «Escreveu a felicitar-me e a agradecer a liberdade e a democracia.»

Valentim já tinha conquistado um lugar na direcção de um clube portista. Chateia os amigos do Conselho da Revolução e consegue levar avante o primeiro desafio do futebol em liberdade. Na capital nortenha, o relvado do Boavista recebe o Braga e quebra-se o transe da Revolução.

Ignoravam-se os rumos do País e muito boa gente não queria apoiar causas perdidas nem perder oportunidades. Faziam-se adivinhas. Valentim, num bar de hotel, discute com um amigo o destino da Nação. Arnaldo Trindade, um comerciante grossista, escuta os palpites: «Temos de nos filiar num partido.» Sá Carneiro, homem do Porto, ex-deputado da Ala Liberal, dava cartas por essas bandas, e Valentim sugere ao amigo a entrada no PPD. E o outro? Bom, o outro hesita: «Não será melhor no PS?» Não eram os únicos a apalpar o terreno. «Estava às cegas, era como inscrever-me num clube, uma questão de 'feeling'. Era quase um jogo, e quem disser o contrário está a mentir» — ideias de Valentim.

O Partido Popular Democrata organiza-se para o primeiro comício. No Palácio de Cristal, Amândio de Azevedo, o homem do partido no Norte, conhece Valentim. Numa altura em que se fazia política com tostões e um militante pagava de quota 50 escudos, o futuro presidente da Câmara de Gondomar entra na militância com estrondo. Continua descomedido e participa com um donativo de meia centena de contos. Amândio de Azevedo, que o recrutou, traça-lhe o perfil: «Quis assim mostrar o seu comprometimento com o partido. Sempre o considere um militante muito empenhado.»

De norte a sul extremam-se posições, e a Igreja prova que nem sempre segue os caminhos traçados por Deus. Toma partido e benze as armas destinadas a travar o comunismo. Incendiam-se sedes de partidos de esquerda, petardos rebentam aqui e ali. Valentim, temendo que as coisas caminham para o pior, faz braço-de-ferro no MDLP. Mas há quem diga que apenas se dobrou aos ventos. Enquanto uns atravessavam



a fronteira e desfaziam-se dos bens, ele esperava que as coisas assentassem e comprava tudo. Foi a sua «belle époque».

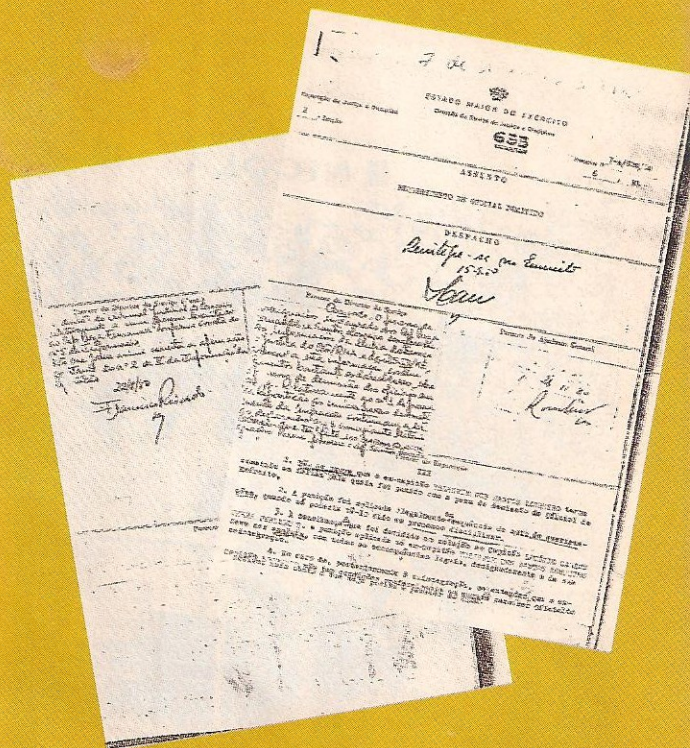
Manuel Macedo, homem-de-mão de Ferreira Torres, o industrial que havia de morrer em mistério, faz as contas à época: «Ele aproveitou-se do MDLP apenas para fazer negócios.» Entre os dois homens, em tempos «compagnons de route», ainda persiste um clima de cortar à faca. Macedo faz acusações: que ele tinha o pelouro dos ex-pides que vinham de Madrid para, no terreno, obterem informações, e a quem nunca pagou; e até que ele se abotoou com o dinheiro de um livro que estava para ser editado pela Igreja de Braga. Valentim encolhe os ombros e nega tudo. «Não falo sobre esse senhor, não me sujo na lama.»

Loureiro financia o movimento, disponibiliza uma carrinha que é colocada em Espanha para trazer o correio de António de Spínola e, em Vigo, faz parte do grupo do «beau monde» de direita que se reúne para angariar dinheiro para armamento. Entre eles, Mota Freitas, Alpoim Calvão e o comendador Abílio de Oliveira, que havia de largar a massa. O País descambava, e Vítor Alves, a mando do Conselho da Revolução, tenta dar-lhe um concerto. Faz

o contacto com o antigo colega de armas e pede-lhe que arranje um encontro com Alpoim Calvão. Este, que de Espanha dirigia a orquestra e é pouco temente de perigos e obstáculos, passava a fronteira cada vez que lhe dava na real gana, aceita o convite.

Em Junho de 1975, ao volante do Mercedes e a ouvir música clássica, o fuzileiro chega ao Mindelo. A casa no meio do pinhal onde se tenta a pacificação era pertença de Valentim. Depois do almoço, temperado por Joaquina, o homem do MDLP e o diplomata do CR retiram-se. O dono da casa não foi perdido nem achado para a conversa que devia fechar a guerra: «Eles subiram ao quarto e não sei de que falaram.»

Anos mais tarde, quando se fizesse o saldo desta época, Valentim havia de ser ouvido no processo da rede bombista, à qual diz nunca ter pertencido. Arrolado pelo testemunho do então capitão Caimoto Duarte, apresenta-se a tribunal. Aquele abriu o jogo sobre o encontro em Braga entre o cônego Melo, Ferreira Torres, Valentim e um grupo de retornados. Mas este aos costumes disse nada. Brincava com os doutores, apenas tinha ido a Braga rogar ao cônego Melo que não lhe roubasse um jogador do Boavista. ▶



**Em 1980, puxavam-se cordelinhos. O Estado-Maior do Exército ainda está banzado, nos seus arquivos nem rasto nem sombra do auto de averiguações e processo disciplinar movidos ao capitão. E, sem mais, reintegram-no**



## ANTES DE VOAR JÁ ESTÁ A GANHAR



Na TAP temos vindo a criar um conjunto de vantagens que complementam a nossa actividade, prestando um melhor e mais alargado serviço a todos os passageiros.

### Telefones celulares

Assim, pode beneficiar de dois dias de aluguer grátis de telefone celular.

### Estacionamento grátis

Se viajar em classe "Navigator" tem dois dias de estacionamento grátis.

### Aero-Bus

Todos os passageiros TAP podem utilizar gratuitamente o "Shuttle" Aero-Bus e assim chegar ao centro de Lisboa com toda a facilidade.

Para mais informações dirija-se a qualquer balcão da TAP Air Portugal.

**ESCOLHA A NOSSA COMPANHIA**

**TAP AIR PORTUGAL**





**1969: o Boavista recebe o FC Porto e perde. Mas Valentim vai ganhando nome no mundo do futebol e anos mais tarde oferta ao Papa o esférico do Boavista**



► Hoje, fora da barra, dá outra versão: «Eu estive em Braga, mas apenas para dissuadir as pessoas de violências.»

Sempre sacudiu responsabilidades em matéria de explosivos. Mas os anos desatam as línguas, e é Ramiro Moreira quem, em 1990, no «exílio» em Espanha, lança mais umas achas. O ex-operacional estava mal de finanças e envia uma carta, através de Manuel Macedo, no intuito de pressionar o major. Dizia ter agido às suas ordens, responsabilizava-o pelo negócio das armas que foram encontradas nas suas mãos e de financiar actos terroristas. O major, mais uma vez, nega tudo. Também Ramiro Moreira vem depois dar o dito por não dito e deita as culpas a Manuel Macedo, que o teria obrigado a escrever a missiva. É um triângulo estranho, com várias palavras, que ora se pegam, ora andam às boas. Ramiro Moreira parece ter sofrido um rombo na memória e, hoje, conta uma nova história: «Não sou homem para ser pressionado por ninguém e admito que algumas das coisas que escrevi na carta são verdadeiras.» O mesmo convencimento não tem Valentim: «Se o Ramiro quiser falar verdade, terá de admitir que foi Manuel Macedo que lhe pagou para a escrever.»

## O ASSENTAR DA POEIRA

**C**OM o 25 de Novembro acabam-se os excessos revolucionários, e lentamente tudo volta a entrar nos eixos. Valentim fez uma fortuna considerável e os astros pareciam conspirar para o fazer feliz. Só havia um senão, a demissão do Exército anos antes. Quando foi corrido da tropa não tentou lavar a afronta: «Não valia a pena, o poder na altura era ditatorial, aliás se não fosse assim ainda hoje estava lixado.»

Ao contrário, Presa Fernandes, nunca desistiu da defesa própria. Com o 25 de Abril redobra esperanças e em tribunal tenta reabrir o processo, com o pretexto muito em voga de que aquilo tinha sido uma trama política. Consultados desde 1975, os chefes do Estado-Maior são unânimes e não se vergam aos desejos do capitão demitido, que vai interpondo recursos. Em 1978, ainda a peita se mantinha. Rocha Vieira, à altura chefe do Estado-Maior do Exército, a 28 de Fevereiro, despacha: «A pretensão do requerente não foi desatendida apenas por uma questão meramente formal, mas por uma razão de fundo que coincide com a justiça material, já

que ao seu comportamento corresponde a pena que lhe foi aplicada.»

Nesse mesmo ano, Presa Fernandes morre. Entre os camaradas de armas surge um movimento de solidariedade. A viúva e os filhos do ex-oficial ficam descalços, sem direito a pensão. Pedro Cardoso é o novo CEME, e um dia aparece-lhe no gabinete o sogro de Presa Fernandes, antigo comandante da PSP em Luanda, a pedir-lhe em nome dos netos. O conselheiro Luciano Patrão, consultor jurídico do general, dá uma informação negativa, mas o futuro super das secretas lusitanas acabará por ceder e reintegra Presa Fernandes.

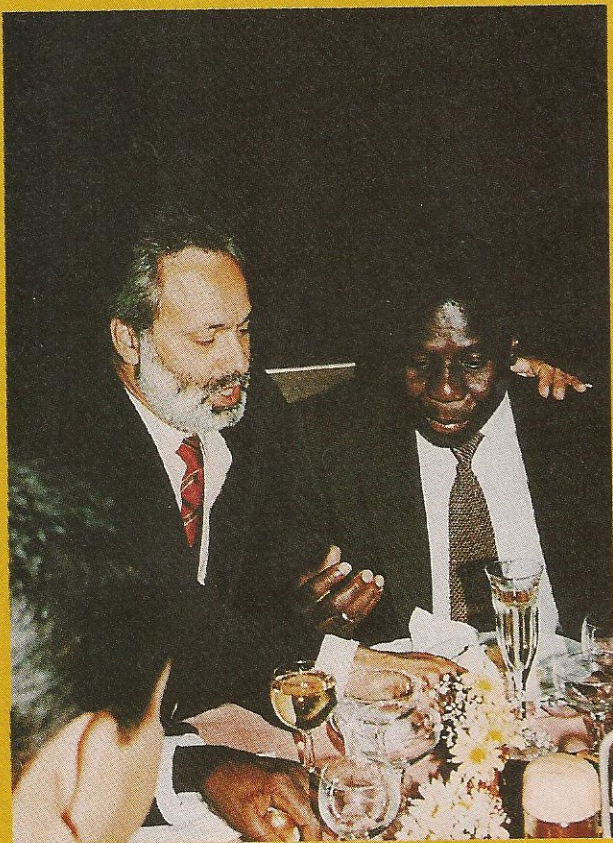
Valentim sempre se soube aguentar, esperou a sua oportunidade e saiu à liça a reclamar o mesmo. Apoiava Ramalho Eanes, que andava em campanha e estava prestes a instalar-se pela segunda vez em Belém e a pregar ao líder socialista, Mário Soares, um dos maiores apertões da sua vida. Dizem que Valentim foi um dos financiadores da campanha, mas este declina, a mãozinha não passou de uns quadros comprados num leilão por três centenas de contos.

A 15 de Setembro de 1980 é reintegrado e promovido a major. Mas passa de imediato à reserva. Pedro Cardoso era o responsável, e ainda hoje amigos e inimigos não lhe perdoam, diz-se que é a única nódoa que empana o prestígio do militar: «Depois de eu ter tomado a decisão, chegou ao meu conhecimento uma reacção corporativa para ele passar à reserva e não requerer os retroactivos.» Hoje, o general, com algum embaraço, explica-se: «Este tipo tem a leiteira de ser o parceiro de um morto em relação ao qual decidimos com tolerância. Mas como se tinha aberto um precedente, eu, em consciência, tinha de despachar como o caso do Presa.»

## APAGAR O RASTO

**T**UDO tinha sido orquestrado para não deixar vestígios. O auto de averiguações e o processo disciplinar tinham levantado voo, desapareceram dos arquivos do Exército sem deixar rasto. E por artes mágicas, da Repartição de Justiça e Disciplina chegava o seguinte parecer: «Não se prova que o ex-capitão Valentim dos Santos Loureiro tenha cometido as faltas pelas quais foi punido (...) A punição foi aplicada ilegalmente na sequência de um auto de averiguações, ►





**De África veio-lhe o título de cônsul e janta com Nino Vieira no Porto, em 1988. Vai a todas e a família Soares não lhe quer mal**



► **quando só poderia tê-lo sido em processo disciplinar.**» Valentim acabava de atravessar o inferno sem se chamuscar. Mas nem tudo fora um mar de rosas. No Conselho da Revolução, a luta foi renhida. Vítor Alves, que continuava a apadrinhar Valentim, puxava os fios.

Havia quem estrebuchasse, mas o fim aproximava-se com os conselheiros divididos. Um dia, Vítor Alves chama ao gabinete o major Sousa e Castro. Tinha inscrito o assunto das batatas antes da ordem do dia e combina: **«Eu vou propor ao Conselho a reintegração do Valentim e precisava que tu votasses a favor. Votas, e ele passa à reserva.»** Com esta garantia, o major desempata. E, assim, Valentim salva a honra do convento e atira a peçonha para outras costas. **«Eu nunca tive um processo disciplinar. O comerciante, no negócio das batatas, ajudou-me com uma margem para a reposição do que faltava em armazém, situação que me tinha sido deixada pelo meu antecessor, o capitão Luc.»**

Depois, os dias começaram a passar sem grandes estremeções. Em pouco tempo, tira o Boavista do anonimato, é nomeado cônsul da Guiné, continua ímpar nos negócios e a atrair o dinheiro. Ele diz que até a taluda lhe saiu. Na política, pode-se sempre mudar as convicções, e quando apoia a candidatura de Soares, em 1986, recebe na volta dois anos de suspensão do PSD. **«Isto não foi muito simpático para o partido, mas, sendo um militante de base, não incomoda tanto. Ele actua de forma que não é exactamente o padrão, mas não tenho visto nada que ultrapasse as fronteiras do condenável»**, remata Amândio de Azevedo, o seu padrinho no PSD.

De quando em vez abre umas brigas com a Justiça. Ou vice-versa. Quando tentaram ligar o seu nome ao caso Ferreira Torres, recorreu à Imprensa, como é seu hábito, para desafiar Orlando Romano, responsável da Direcção Central de Combate ao Banditismo, e acusou o superpolícia de incompetência. Telefonou-lhe, a despique, tentou intimidá-lo. Este faz-lhe o cadastro: **«Ele foi malcriado, como é sempre. Vi neste telefonema qual é a sua condição, a de um homem que atropela tudo e todos.»** E, de uma vez em que é indicado como testemunha num julgamento, sempre que os agentes o notificavam no domicílio saía pela porta dos fundos. Marques Barbosa, inspector da PJ, perdeu a paciência e, no seu carro, tentou apanhar o transgressor, barrando-lhe o caminho à saída de

casa. Encurralado no seu veículo, o major resiste, mas a autoridade assegura-lhe que vai a bem ou a mal: **«Mostrou um grande desprezo e intocabilidade em relação aos funcionários que se ocupam da aplicação da justiça.»**

Mas até aqui, na barra do tribunal, Valentim Loureiro ganhou todas as causas. Foi o que aconteceu há cinco anos, quando o BCP ficou à toa por causa de um cheque de uns milhares de contos. Valentim Loureiro está aos balcões da dependência do banco nas Antas para depositar 256.900 dólares, cerca de 33 mil contos. O presidente do Boavista pede ao funcionário que os credite de imediato na sua conta, pois necessitava da massa para comprar um jogador. O cliente era de confiança e, excepcionalmente, faz-se o depósito. Dias depois, a conta está praticamente a zero, o cheque tinha sido levantado. Quando o BCP telefona ao suposto banco da Costa Rica para atestar a validade do papel, atende um gerente que confirma a cobertura do cheque e solicita o seu envio. O que o BCP faz. Como o bago não tinha volta, tentam retomar o contacto, só que desta vez a resposta foi outra: **«Aqui es de uma tienda de pantalones vaqueros.»** O major sai limpo. Afinal, tinha sido vítima de burla. Aliás, como o BCP, o que ficou provado em tribunal. João Paulo Araújo, advogado do banco, conta: **«O sr. Maximino Marques tinha uma dívida ao major, e são os sócios dele, numa fábrica de redes de pesca, que forjam o cheque de 32 mil contos que foi parar às mãos de Valentim Loureiro.»**

## TELEVISORES CONTRA VOTOS

**F**OI-SE tornando conhecido entre os políticos e, nas autárquicas de Dezembro de 1993, alçou-se a presidente da Câmara de Gondomar. As eleições nem foram muito renhidas: os votos estavam ganhos à partida, tantos foram os secadores de cabelo, televisores, vídeos e outras ninharias distribuídos num dos concelhos mais pobres da área metropolitana do Porto. O seu adversário do PS, Aníbal Lira, recorda a experiência: **«A campanha foi bastante negativa para a imagem de Gondomar. Parecia que não estávamos na Europa mas num país do Terceiro Mundo.»**

Hoje, Valentim Loureiro, 58 anos, não encontra no seu passado nenhuma falta particularmente grave. Mantém os brios de cadete da Escola do Exército, o cabelo ►





O major, com os seus, unidos no melhor e no pior como manda a tradição, entre filhos e netos, fazem quase uma vintena

► embranqueceu e suaviza-lhe o rosto cheio de manha. Mas os olhos brilham como os de um de gato bravo quando se exalta e revelam uma vontade férrea. Tem sempre um Monte-Cristo pendurado nos lábios, alguns são do próprio Fidel e chegam-lhe via Nino Vieira, de quem é cônsul e amigo.

Os mais próximos dizem que tem um coração de pomba a contrariar o rugido de leão. Mas às vezes é de uma grosseria propositada e os olhos frios tornam-se furiosos. Talvez por isso Aventino Teixeira se acautele na definição: «**Não é gratificante ser amigo dele, porque tem um estilo de vida com o qual não me identifico. Mas manda o bom senso que não se seja inimigo.**»

Os dois anos e meio à frente de Gondomar não o deixam satisfeito e não desdenha novo mandato. Abriu estradas, inaugurou colectividades e tribunais, acolheu queixas de moradores e patrocinou a felicidade de crianças que nunca tinham visto um avião, enviando-as a Lisboa em viagem aérea com regresso garantido de autocarro. É um empresário de sucesso no ramo dos têxteis e das

conservas e gosta de o pavonear. À frente do Boavista há quase 30 anos, gere o clube com a perícia dos maestros. E na política está na ribalta mas diz-se um aprendiz, sem ambições: «**Tenho empresas médias, Gondomar é um conchelho médio, sou cônsul de um país médio, o meu clube é médio, e até tenho uma casa média. Se me atirasse para coisas mais acima podia patinar.**»

O primeiro presidente da Liga anda nas suas sete quintas com o PS desde o perdão fiscal oferecido de bandeja pelo ministro-adjunto de Guterres. «**Um excelente acordo**», bradava o major. Os políticos tendem a ser muito tolerantes uns para com os outros, e Jorge Coelho até já o cita em plena Assembleia da República. Valentim parece um jogador de sorte sempre a preparar uma nova cartada, mas, ao contrário dos profissionais, raramente perde. Como dizia Napoleão em Santa Helena: «**Apesar de tudo, que romance a minha vida.**» ■

(1) «4º—Cumprir as ordens e regulamentos militares; 16º—Não pra-

ticar, no serviço ou fora dele, acções contrárias a moral pública, ao brio e ao decoro militar; 20º—Não se valer da sua autoridade ou posto de serviço nem invocar o nome de superior para haver qualquer lucro ou vantagem, exercer pressão, vingança ou tirar desforço por qualquer acto ou procedimento oficial ou particular.»

(2) «O militar que, investido ou encarregado de um comando ou quaisquer funções de administração militar ou naval, tomar ou aceitar, por si ou interposta pessoa, algum interesse pessoal em adjudicação, compra, venda, recepção, distribuição, pagamento ou outro qualquer acto de administração militar ou naval, cuja direcção, fiscalização, exame ou informação lhe pertença no todo em parte, será condenado: a presídio militar de dois anos e um dia a quatro anos sendo oficial. (...) Se do crime resultar prejuízo para o Estado ou para outrem, a pena será a de prisão maior celular de 2 a 8 anos, se o delincente for oficial (...)»

**Como dizia Napoleão em Santa Helena: «Apesar de tudo, que romance a minha vida»**